

A MÍSTICA DA RELAÇÃO DO BODHISATTVA KUAN YIN COM AS POPULAÇÕES DO EXTREMO ORIENTE E DO BRASI

La mística de la relación del bodhisattva Kuan Yin con las poblaciones del Lejano Oriente y Brasil

The mystic of the relationship of bodhisattva Kuan Yin with the populations of the Far East and Brazil

Haroldo Tuyoshi Sato^(*)
Angel-Baldomero Espina Barrio^(**)

Resumo

Este é um artigo de antropologia religiosa que estuda o mito e o rito de Kuan Yin, o *bodhisattva* da compaixão que, desde seu surgimento nos sutras do Budismo Mahayana, foi acolhido pelas populações do Extremo Oriente e do mundo como uma das expressões máxima deste. O mito será estudado historicamente e por meio de entrevistas realizadas com devotos do bodhisattva e o rito, através da observação participante.

Resumen

Este es un artículo de antropología religiosa que estudia el mito y el rito de Kuan Yin, el *bodhisattva* de la compasión que, desde su aparición en los sutras del Budismo Mahayana, fue acogido por las poblaciones del Lejano Oriente y del mundo, como uno de las máximas expresiones de este. Se estudiará el mito históricamente, ya través de entrevistas a devotos del bodhisattva y del rito, a través de la observación participante.

Abstract

This is an article on religious anthropology, which studies the myth and rite of Kuan Yin, the bodhisattva of compassion who, since his emergence in the sutras of Mahayana Buddhism, was welcomed by the populations of the Far East and the world, as one of the maximum expressions of it. The myth will be studied historically, and through interviews with devotees of the bodhisattva and the rite, through participant observation.

1 INTRODUÇÃO

Este é um artigo de antropologia religiosa, que pesquisa a relação mística de ocidentais e orientais com o bodhisattva Avalotikeshvara, conhecido na China como Kuan Yin, no Japão como Kanzeon Bossatsu ou Kannon e no Tibete como Cherenzig.

Durkheim trouxe uma importante distinção para entender antropologicamente o papel da religião na cultura, ao colocar que “o mundo está dividido em dois domínios: o

^(*)Faz Pós-doutorado em Antropologia pela Universidad de Salamanca, Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. E-mail: haroldo.sato@uol.com.br

^(**) Professor Titular em Antropologia Social, pela Universidad de Salamanca, Doutor em Filosofia pela Universidad de Madri. Orientador deste artigo.

do cotidiano, ordinário (profano) e o do estranho, misterioso, pouco comum (sagrado)”, colocando que “é o sentido do sagrado, numinoso, tabu, etc., o que está no início da religião” servindo de “fundamento a todos os fenômenos do culto, o mito, a oração e o sacrifício (Barrio, 2005, p. 251).

Ries coloca que a antropologia religiosa “vai além dos fatos religiosos para se dedicar à compreensão do homem que vive a experiência do sagrado” (Ries, 2020, p. 10). O autor aponta para a necessidade de “analisar os fatos culturais e os religiosos, bem como o discurso sobre o homem, para chegar às estruturas do pensamento do *homo religiosus* e poder compreender as relações que ele mantém com uma realidade misteriosa que o supera” (Ries, 2010, p. 10). Esta realidade misteriosa é de caráter numinoso, “ultraterreno, mas também fascinante, terrífico, monstruoso, sublime” (Barrio, 2005, p. 251).

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Iniciaremos nosso estudo através de uma dimensão da antropologia da religião, ao buscar compreender o papel místico e mítico da figura do *bodhisattva*¹ Kuan Yin no budismo, desde sua aparição nos sutras² budistas e as suas transformações, traçando os paralelos destas com os acontecimentos históricos, até a atualidade. Neste sentido, consideramos que o mito alude a um tempo primordial, originário, extraordinário, onde atuam figuras divinas ou semidivinas, que sustentam a realidade presente (Barrio, 2005).

As teorias antropológicas tradicionais argumentam, em relação à diferenciação entre sociedades históricas e não históricas, que as primeiras explicam a situação atual a partir de ocorrências passadas mais ou menos remotas, enquanto as segundas através de mitos fundadores, não havendo transformações temporais – aquelas sendo de “história quente”, e estas, de “história fria”, como diz Barrio (2010). O autor retoma o pensamento de Lévi-Strauss, ao colocar que as sociedades não históricas introduzem as mudanças históricas em seus mitos, dando a falsa impressão de que tudo ocorre como no início dos tempos. Tendo isso em vista, abordaremos a figura de Kuan Yin, um dos *bodhisattvas* mais importantes e constitutivos do Budismo, a partir de registros escritos,

¹ *Bodhisattva*: palavra hindu composta por dois radicais, *sattva*, essência e *bodhi*, sabedoria, significando aquele cuja essência é a sabedoria aperfeiçoada. No Budismo Mahayana o *bodhisattva* é aquele que já reúne a condição de entrar no nirvana, mas por compaixão por aqueles que ainda não o conseguiram, adia sua entrada neste, ajudando outros a entrarem primeiro (YÜN, 2019).

² Sutra: Escritura sagrada budista. A palavra sutra é sânscrita, literalmente linha de coser, referindo-se ao fato de que esses textos eram escritos sobre folhas de palmeiras, costuradas umas às outras (YÜN, 2019).

mas aos quais se agregarão representações culturais dos povos que desenvolveram devoção em relação a ele e que, em determinados países e épocas históricas, transformaram o seu mito.

Na segunda parte desse estudo, realizaremos o estudo etnográfico, que foi trabalhado em duas etapas. Na primeira, visitamos quatro locais religiosos que desenvolvem práticas religiosas voltadas para o *bodhisattva*, participando como observadores destes. de rituais que o invocam de alguma maneira. Ries mostra a importância do rito na antropologia religiosa, colocando-o num patamar tão importante quanto o mito, como podemos observar em sua afirmação abaixo:

[...] O rito é um ato simbólico mediante o qual o homem procura estabelecer um contato com a Realidade transcendente, com o mundo divino, com Deus. Desde os primeiros textos religiosos dispomos de rituais: sagrado, mito e rito são inseparáveis. (2020, p. 11)

A observação participante do ritual, por sua vez, busca não só “a observação sem preconceito do que ocorre em uma comunidade pouco familiar”, mas também “uma imersão vital na forma de ser do grupo”. (BARRIO, 2005, p. 42)

Outra parte do estudo etnográfico consistiu na realização de três entrevistas semi-estruturadas, com orientais radicados no Brasil e um brasileiro, com o objetivo de verificar como os entrevistados percebem a devoção ao *bodhisattva* na atualidade.

As informações obtidas nas entrevistas serão consideradas etnográficas, no sentido apontado por Durham (2004), de que a coleta dos dados antropológicos, em populações urbanas, que falam nosso idioma e compartilham nosso universo simbólico, tem na entrevista um importante instrumental. Como as entrevistas foram realizadas com um brasileiro e dois orientais que estão radicados há mais de 15 anos no Brasil, e que dominam fluentemente nosso idioma, consideramos poderão fornecer importantes dados etnográficos.

3 OS SUTRAS BUDISTAS COMO FONTE DO MITO DE KUAN YIN

Sidarta Gautama, o Buda histórico, viveu na Índia, entre os anos de 563 a 482 a.C. (CAMPBELL, 1994), tendo nascido na antiga cidade de Kapilavastu, no sopé da Cordilheira do Himalaia, em território atualmente pertencente ao Nepal (SIMÕES JR., 1985). Ele era filho do rei Suddhodana, que governava o reino de uma tribo hindu, os Sakyas, de onde vem outro nome pelo qual é conhecido, Sakyamuni, o sábio da tribo dos Sakyas.

As tribos hindus da época seguiam o bramanismo, que dividia, a sociedade em quatro castas, além dos chamados párias, homens sem nenhuma casta. As castas corresponderiam ao corpo de Bhrama, a divindade máxima, e a cabeça corresponderia à classe sacerdotal brâmane; os braços corresponderiam aos xátrias, guerreiros e governantes; a barriga e o torso, aos vaixias, os financistas; as pernas e os pés, aos sudras, trabalhadores; enquanto os parias, os sem-casta, eram considerados não-humanos, aos quais cabiam tarefas inumanas ou bestiais (CAMPBELL, 1994, p. 269). A sociedade hindu, na época do nascimento de Buda, atravessava um ciclo de grande desenvolvimento econômico e cultural e havia uma pressão das castas inferiores enriquecidas para a abolição deste sistema, abrindo espaço para o desenvolvimento de concepções religiosas que questionassem o bramanismo.

Sidarta, nascido na classe xátria, aos 29 anos decide abandonar a vida palaciana e se tornar um asceta, para se dedicar às questões da superação do que ele nomeou como os quatro sofrimentos inevitáveis da humanidade, a saber: nascimento, doença, velhice e morte. Segundo os registros históricos sobre sua vida, ele vive durante seis anos, como um asceta brâmane, comendo um grão de arroz por dia, porém ao final deste período, desmaia por inanição, ao que é socorrido por um camponês, que lhe oferece uma tigela do cereal, que ele aceita e ingere. A história diz que cinco ascetas que o acompanhavam ficam escandalizados com sua atitude e o abandonam. O mito conta que Sidarta decide meditar sob uma figueira sobre as razões do sofrimento e as possibilidades de sua superação e, aos trinta e cinco anos de idade, alcança a iluminação, tornando-se um Buda, Taghata – iluminado, desperto (Simões Jr, 1985).

A iluminação budista diz que os quatro sofrimentos só poderão ser cessados se o ser humano superar o desejo, a cobiça e a ignorância, que causam o ciclo das reencarnações. Ele coloca que a superação dessas causas possibilita que a pessoa não mais reencarne, adentrando o Nirvana após sua morte. Sidarta destaca o caminho do meio, ressaltando que a pessoa deve evitar os extremos, de um lado, da busca compulsiva pelo prazer, e do outro, da automortificação ascética (HARVEY, 2019). Ele desenvolveu o ideal do afastamento das pessoas dos aspectos mundanos da vida, exortando que os que desejassem se tornar Budas e adentrar o Nirvana deveriam seguir uma vida monacal, tornando-se Arhats³, pessoas vivas que já alcançaram o ideal. A

³ *Arhat*, em sânscrito, ou *Arahat*, no idioma pali, literalmente pessoa digna de grande respeito, o monge que completou todo o seu treinamento espiritual, desapegando-se do seu eu e deste mundo, vivenciando em vida o Nirvana (HARVEY, 2019, p. 106).

comunidade de monges – *Sangha* - deveria viver a certa distância dos leigos, porém aceitando suas oferendas, principalmente as de alimento.

Sakyamuni, a partir de sua iluminação, desenvolve intensa atividade missionária pela bacia do Rio Ganges, durante quarenta anos, atraindo muitos discípulos, até seu falecimento, no bosque de Kusinara, Índia. Seu ensino volta-se para todos os que o procuravam, dizendo que se abandonassem a vida mundana e buscassem a vida monacal e o abandono do desejo, todos, sem distinção de casta ou gênero, poderiam entrar no Nirvana, contrariando as posições bramanistas.

Os sermões de Buda não foram registrados por escrito, durante a sua vida⁴, isso só começando a acontecer cerca de cento e cinquenta anos depois da sua morte, constituindo o Tripitaka⁵, escrita em língua pali⁶, derivada do sânscrito e que se tornou a referência bibliográfica fundamental do Budismo Theravada, que se tornou predominante em Sri Lanka, Myanmar, Cambodja, Tailândia e Laos. Socialmente, o Budismo de Sidartha pregava um sistema em que a monarquia, a *sangha* e os leigos formassem um tripé, com cada estrato social prestando serviço e se beneficiando dos serviços das outras duas, modelo que perdurou na Índia até as invasões muçulmanas e nos outros países que seguem o Budismo Theravadin, por muitos séculos. Nestes, os resquícios deste sistema são discerníveis ainda hoje (SMITH e NOVAK, 2004).

A doutrina do Budismo *Theravada* aponta para uma única via para atingir a iluminação e o Nirvana: a vida monástica e a sabedoria frente à vida. Nesse sentido é considerada pela outra grande ramificação do Budismo, a *Mahayana*, de que é um caminho restrito a poucos monges. Surgida na Índia, a partir do século II a.C., a Escola *Mahayana* se autodenomina como a do grande veículo, de *Maha* – grande, *Yana* – veículo, e caracteriza-se pela maior proximidade entre monges e os crentes leigos, abrindo a estes maiores chances de alcançar a iluminação. Também é característica desta escola a doutrina de que muitos *Arhats*, que já estavam prestes a entrar no Nirvana, não o fizeram, com o objetivo de voltar à Terra e salvar os humanos que não

⁴ A escrita, na época de Buda, era utilizada exclusivamente para fins comerciais (SMITH E NOVAK, 2004).

⁵ O Tripitaka, literalmente “três cestos”, é uma coletânea de textos budistas, formando um cânone, divididos em três seções: a primeira, nomeada de *Vinaya*, dispõe sobre a disciplina monástica; a segunda, os sutras, ou os discursos de Buda; e a terceira, a que se chamou de *Abhidharma*, os ensinamentos adicionais, por outros autores, que “sistemizam os conhecidos dos sutras na forma de análises detalhadas da experiência humana” (Harvey, 2009, p. 33). A expressão cestos está ligada ao fato de época da escrita do Tripitaka, utilizarem-se folhas de palmeiras para a escrita, que eram guardados em cestos (SMITH E NOVAK, 2004).

⁶ O idioma Pali é aproximado do dialeto Maghadi que o próprio Buda utilizava para se comunicar. Ambos os idiomas são derivados do sânscrito, a língua clássica dos hindus (SMITH E NOVAK, 2004).

atingiram a condição de iluminação, tornando-se *bodhisattvas*. Nesta escola, a virtude predominante do *bodhisattva* passa a ser a compaixão (SMITH e NOVAK, 2004), e por este motivo Kuan Yin, se torna especialmente importante para esta.

O budismo Mahayana coloca, de forma crítica, que o ideal monástico do Arhat, que segue solitariamente o *dharmā*⁷ para poder entrar no Nirvana, carrega, contraditoriamente, um orgulho egóico de ser um ser quase perfeito, que se esquece dos outros seres humanos que não estão nesta condição⁸. Nesse sentido, a ética mahayana tem três princípios básicos, o primeiro sendo de abster-se de causar mal aos outros, o segundo o de coleta de estados saudáveis e/ou hábeis – entre as quais a salvação dos outros - como forma de desenvolvimento das virtudes do *bodhisattva*, e o terceiro, a de trabalhar ativamente pelo bem estar dos outros (HARVEY, 2009).

O budismo Mahayana se abre ao encontro do outro, mesmo que este não seja virtuoso. O *bodhisattva*, assim como os monges *Mahayana*, contrastando com a postura do *arhat*, fechado em sua comunidade monástica e em sua experiência, dá uma atenção extraordinária ao outro, mesmo que este seja muito diferente dele. E o ápice desta preocupação com o outro, podemos localizar na tradição mística de *Kuan Yin*, que não adentrará no Nirvana enquanto não salvar todos os seres viventes.

O Budismo *Mahayana* se tornou predominante no Norte da Índia, China, Coreia, Japão, Tibete e Vietnam, tendo desenvolvido seus próprios sutras⁹. Apesar de surgido na Índia, neste país a escola *Mahayana* acabou declinando, com o fortalecimento da religião hinduísta, que renovou a tradição bramanista, moderando-a, incorporando alguns princípios budistas. Outro fator histórico para este declínio na Índia foram as invasões muçulmanas, as quais erradicaram à força o budismo. A devastação causada por estas invasões, com destruição de importantes centros de difusão do budismo, como a prestigiosa Universidade de Nalanda, em 1198 A. C. (HARVEY, 2019) fez com que o budismo declinasse e se extinguisse na Índia, sobrevivendo apenas nos Himalaias e no Sri Lanka, esta última região seguindo majoritariamente o Budismo *Theravada*.

⁷ *Dharma*: no sentido aqui empregado, a lei budista, o qual dá diretrizes éticas de conduta para que o monge consiga adentrar no Nirvana (YŪN, 2019).

⁸ Os budistas *Theravada* não concordam com esta colocação, dizendo que uma das primeiras virtudes do *arhat* é a bondade amorosa (SMITH e NOVAK, 2004).

⁹ Harvey (2009) coloca que os sutras da escola *Mahayana* incluíam ensinamentos e palavras inspiradas pelos principais discípulos de Buda, por este ter concordado com eles e por serem discípulos que ele tinha em alto conceito; ensinamentos que eram alcançados por meditação e sonhos vívidos, pelos quais era possível contatar com o Buda, e que por este motivo, poderiam ser considerados como palavras do próprio.

A extinção do budismo na Índia fez com que muitos sutras *Mahayana* escritos em sânscrito se perdessem. Por isso, a introdução do budismo na China, que se deu através da Rota da Seda¹⁰, a partir do último século antes de Cristo, fez com que os sutras Mahayana fossem traduzidos para o idioma chinês, preservando-os, constituindo em um novo Tripitaka¹¹. Em oposição aos sutras da escola Theravada, que são curtos e caracterizam-se pelo próprio sermão de Buda, os da escola Mahayana são longos, descrevendo situações que envolvem os discípulos e Sakyamuni. Segundo Yü (2001), no Tripitaka chinês, há 88 sutras com menções à Avalotikeshvara. Entre eles, há sutras que são considerados os mais importantes para algumas seitas Mahayana, como o Sutra do Lótus, que tem este status em escolas como a chinesa Tiantai e as japonesas Tendai e Nichiren. Segundo o próprio Sakyamuni teria dito ao bodhisatva Manjushri¹², esse sutra traria o mais ensinamento mais importante:

Manjushri, o Sutra da Flor de Lótus da Lei Maravilhosa é supremo dentre os ensinamentos do Tathagata. Em meio a todos os ensinamentos, ele é o mais profundo e somente é concedido em última instância, como é o caso daquela pérola brilhante que o poderoso rei há muito a detém e finalmente a concede. Manjushri, o Sutra da Flor de Lótus da Lei Maravilhosa é o tesouro secreto de todos os Budas, Tathagatas. Dentre todos os Sutras ele é o mais elevado. Na longa noite do tempo, ele foi guardado e nunca descuidadamente exposto. Hoje, pela primeira vez, eu o estou pregando para você. (CAMARGO, 2009, p. 233)

O Sutra do Lótus é considerado como um dos últimos sutras de Sakyamuni. Constituído de 28 capítulos, o capítulo 25¹³ é dedicado ao Bodhisattva Contemplador dos Sons do Mundo, significado literal de Avalotikeshvara. Nele, o *bodhisatva* Intenção Inesgotável – Akshayamati - pergunta a Sakyamuni o porquê do bodhisatva Contemplador dos Sons do Mundo ter este nome, ao que o Buda responde:

Bom homem, se qualquer um das incontáveis centenas de milhares de miríades de *kotis* de seres viventes que estão sujeitos a todos os tipos de sofrimento ouvir falar do *Bodhisattva* Contemplador dos Sons do Mundo e recitar o seu nome com pensamento único, o *Bodhisattva* Contemplador dos Sons do Mundo ouvirá imediatamente suas vozes e os salvará” (CAMARGO, 2009, p. 338)

¹⁰ O budismo expandiu-se para a Ásia Central, entre povos que faziam parte da Rota da Seda, como citas, partos e tocários. Monges budistas originários destes povos migraram para a China e traduziram os sutras *Mahayana* a partir de textos originais hindus que se perderam. É muito comum que versões mais antigas de alguns sutras sejam traduções chinesas, as versões hindus inexistindo ou sendo cópias de originais realizadas após as primeiras (YÜ, 2001)

¹¹ Há uma edição do Tripitaka chinês, publicada no Japão, entre 1922-1933 (YÜ, 2001)

¹² Manjushri: considerado um bodhisattva celestial, um espírito ao qual Sakyamuni se dirigia, considerado o bodhisattva que representa a suprema sabedoria e a realização (YÜN, p. 2019).

¹³ O capítulo 25 do Sutra da Lei Maravilhosa é considerado por alguns budistas como um sutra independente, conhecido pelo nome de Avalotikeshvara Sutra.

Neste Sutra, Sakyamuni coloca Avalotikeshvara no papel de salvador de situações concretas em que seu devoto lhe pede socorro, tais como salvá-lo de incêndios, afogamentos, aprisionamentos, ladrões, assassinos. Outro papel que Sakyamuni dá a Avalotikeshvara é de libertar a quem lhe solicita, de condições ignóbeis que sua própria mente colocou, como o desejo excessivo e a ira. Uma terceira função de Avalotikeshvara, segundo Sakyamuni, é a de pregar o *dharma*, para todos, assumindo personagens que farão aquela pessoa libertar-se espiritualmente. O sutra apresenta 33 formas de apresentação de Avalotikeshvara para a pregação do *dharma*, das quais 7 são femininas:

Se eles necessitarem ser salvos por alguém no corpo de um Monge, Monja, Leigo ou Leiga, ele manifestar-se-á no corpo de um Monge, Monja, Leigo ou Leiga e pregará o Dharma para eles.

Se eles necessitarem ser salvos por alguém no corpo da esposa de um Ancião, ele manifestar-se-á no corpo da esposa de um Ancião e pregará o Dharma para eles.

Se eles necessitarem ser salvos por alguém no corpo de um jovem puro ou de uma donzela pura, ele manifestar-se-á no corpo de um jovem puro ou de uma donzela pura e pregará o Dharma para eles. (CAMARGO, 2009, p. 341)

Apesar dessas possibilidades femininas de manifestação, iconograficamente, Avalotikeshvara é representado como um belo e principesco jovem tanto na Índia, quanto no Tibet, no Sudeste Asiático e na China da Era Tang (618-906 D.C.). Em relação ao destino de Avalotikeshvara na China, veremos que este terá uma importante transformação, sua expressão iconográfica passando de ser um bodhisattva masculino para um feminino, a partir da era Sung (960-1279. seu mito mesclando-se a outro, de uma princesa local de nome Miao-shan¹⁴, segundo Blofeld (2009) e Yü (2001), também considerada uma personificação da misericórdia.

Sobre a introdução do Budismo na China, tanto Smith e Novak (2004), quanto Yü (2001) concordam com o fato de que os chineses já tinham sua própria teoria sobre a ordem social, advinda do confucionismo, sendo que este aspecto da doutrina budista não adentrou o país. Por outro lado, Yü comenta que os chineses também possuíam uma doutrina religiosa própria, o taoísmo, que propõe uma grande introspecção e conhecimento místico, mas que postula que apenas poucos iniciados poderiam atingir esta condição. Yü coloca que o budismo e o taoísmo irão competir e se influenciar mutuamente. Neste ponto, o budismo *Mahayana*, que enfatiza a meditação e

¹⁴ O nome Miao Shan foi traduzido para o inglês, por Yü (2001), como *Wonderful Goodness* (em tradução livre, Maravilhosa Bondade).

ensinamentos de grande profundidade espiritual, irá oferecer um aprofundamento em relação à doutrina taoísta. Por outro lado, a noção *Mahayana* de salvação dos não-iniciados suprirá uma carência social que o taoísmo não conseguiu preencher.

Sobre a feminização da figura de Kuan Yin, Yü (2001) aponta para o fato de que o confucionismo coloca que a base da organização social se baseia no poder masculino, sendo seu ensinamento destinado aos homens. Ela também assinala que, em algumas seitas budistas, como o da Terra Pura, as mulheres são portadoras de um karma ruim, e que no Paraíso pós-morte, estas não o adentram. Yü ressalta que, por outro lado, o taoísmo, reconhece, entre os seres iluminados que compõe seu panteão, patriarcas do sexo feminino. Nesse sentido, Yü aponta para o fato de que a feminização de Kuan Yin, em certas seitas budistas chinesas, oferece, principalmente às mulheres, uma alternativa frente ao machismo confucionista e o da escola budista Terra Pura, assim como compete com as patriarcas taoístas, tendo sobre elas a vantagem de ser uma deusa da compaixão para todos os seres, aspecto ausente nestas.

Yü (2001) e Blofeld (2009) observam que a feminização iconográfica da personagem, que ocorreu paralelamente à feminização do mesmo como *bodhisattva*, ocorreu na Era Sung (960-1279 D.C.). Historicamente, Yü aponta para o surgimento da região de Hsiang-shan como os dos primeiros templos dedicados a Kuan Yin como divindade feminina, já nos anos 1100, tornando-se local de peregrinação, assim como, anos depois, a ilha de Pu-tu-o, equiparada com o monte hindu Potalaka, onde o *bodhisattva* teria morado.

Outra particularidade que podemos ressaltar sobre as representações de Kuan Yin, é o fato de que houve uma aproximação entre este *bodhisattva* e figuras cristãs como Cristo e Maria, como assinala Usarski (2009). Segundo este autor, no século XVI, quando da tentativa da introdução do cristianismo neste país, por missionários jesuítas, estes teriam inicialmente se utilizado do método da acomodação, pelo qual se aproximaram intencionalmente do budismo:

“[...] vestiam-se como se fossem membros da *sangha*, referiam-se a si próprios usando o termo chinês que significa monge budista (*seng*) e moravam ou em mosteiros budistas ou ao lado deles. No início, aceitavam também que os chineses confundissem a atitude ascética dos jesuítas diante dos prazeres mundanos com o estilo de um recluso budista, e também não se incomodavam com o fato de Jesus ser visto como uma emanção do *bodhisattva* Avalotikeshvara. [...] (USARSKI, 2009, p. 106-107)

Vemos nesse trecho, a aproximação do imaginário popular chinês, no sentido de associar o bodhisattva da compaixão com o sacrifício de Cristo pela humanidade. Usarski (2009) ressalta também o fato de que São Francisco Xavier, quando desenvolvia sua obra missionária no Japão, ter notado a aproximação do imaginário popular japonês da figura de Kannon em relação à Nossa Senhora:

Ele não hesitou, por exemplo, a associar o Deus pessoal cristão como o *dharmakaya*-Buda *Dainichi Nyorai (Mahavairocana)*. Algo semelhante vale para os elementos “estilísticos” religiosos (como a vida celibatária dos jesuítas, comparável com a conduta dos monges budistas) ou aspectos do imaginário/iconografia católicos (como Nossa Senhora, espontaneamente associada a Kannon, emanção feminina do *bodhisattva Avalotikesvara*). (USARSKI, 2009, p. 121)

Apesar de certo sucesso na obra missionária de São Francisco Xavier, ocorrida no século XVI, época em que o Japão se encontrava no período *Sengoku*, de inexistência de um poder central e divisão territorial entre diversos senhores feudais, a continuação desta foi bruscamente interrompida pela unificação do território japonês, pelos xoguns da dinastia Tokugawa, que, a partir de 1603, acabaram por proibir o Cristianismo e perseguir seus fiéis, com uma política de reconversão forçada destes ao budismo, sob a pena de morte a quem não o fizesse. Atrás da proibição do Cristianismo, além de fatores religiosos, estava o medo de que este fizesse parte de uma política ocidental de enfraquecimento do Japão. Por este motivo, além da proibição oficial e expulsão dos missionários cristãos, o xogunato proibiu qualquer contato direto dos japoneses com ocidentais, o mesmo só acontecendo em dois portos japoneses que continuaram abertos ao comércio com o Ocidente, porém com rígido controle estatal sobre quais nipônicos teriam permissão de negociar com os comerciantes ocidentais.

Houve em regiões japonesas, principalmente na de Nagasaki, em que o cristianismo havia penetrado fortemente, e em que seus fiéis, mesmo forçados exteriormente a se vincular a um templo budista e seguir suas práticas, buscaram, mesmo sem possuir livros ou imagens cristãs, manterem sua fé em Cristo e Nossa Senhora. Esses cristãos nipônicos, chamados de *kakure kirishitan* (Usarski, 2009), mantiveram sua fé oculta até o fim do xogunato, na segunda metade do século XIX.

Reis-Habito (1996), aponta para que os cristãos japoneses, premidos pela falta de contato com o resto da comunidade cristã, durante cerca de dois séculos, aproximaram a imagem de Maria a de Kuan Yin - Kannon:

And, from the above, it is clear that the connection between Mary and Kannon was not just based on the external similarity of a mother holding a child, but on an intrinsic symbolic connection that united these two figures of compassion. The way this

connection manifested itself in the life of the Japanese hidden Christians is a matter for further theological reflection. (REIS-HABITO, 1996,)

A autora coloca o fato de que, para os *kakure kirishitan*, Maria é aproximada à figura de Kannon, assim como Deus e Cristo também se tornam *bodhisattva*, assim como Cristo. Reis-Habito (1996) explica também que, para eles, Maria se torna parte da trindade, assumindo o lugar do Espírito Santo. A trindade, de acordo com a autora, torna-se assim Pai-Mãe-Filho, e Maria se aproxima de Kannon no sentido de figura compassiva que intermedia os pedidos dos seres humanos frente à divindade, sendo também capaz de operar milagres por meio de uma força espiritual.

Tanto em sua versão masculina quanto feminina, Kuan Yin continuou sendo alvo de devoção por séculos pelos povos orientais, até os dias de hoje. Como o Budismo e outras crenças orientais começaram a penetrar no Ocidente, a partir do século XIX (HARVEY, 2009), temos que, atualmente, ocidentais também manifestam devoção ao *bodhisattva* aqui estudado.

4 A PARTICIPAÇÃO EM RITUAIS DEVOTADOS OU QUE INCLUAM O BODHISATTVA KUAN YIN

Participamos em quatro rituais que ou eram devotados ou que incluíam o *bodhisattva* de alguma forma nele. Um foi realizado em um templo budista da seita Ch'an¹⁵ e os outros três, em templos de inspiração ecumênica. Foram tentadas visitas a outros templos, um de filiação zen-budista, que possui uma sala devotada ao *bodhisattva* e outro, devotado a Kannon, mas circunstâncias relacionadas à pandemia do Covid-19, no primeiro caso, e ao fato de não haver um sacerdote – o segundo templo funciona com fiéis leigos que o administram – frustraram nossa intenção de visitá-los.

O templo Zu Lai da seita Ch'an, localizado no município de Cotia-SP, promoveu um ritual todo voltado ao *Bodhisattva*, de duração de três horas. Na entrada do templo, há a possibilidade de oferecer incenso ao *bodhisattva*, de acordo com a tradição budista de considerar o Buda como um ser virtuoso, como um verso em páli, que encontramos em Harvey (2009, p, 267): “(..) Aquele com corpo fragrante e rosto fragrante, fragrante com infinitas virtudes”.

Entramos na sala ritual, que possui uma estátua de Sakyamuni como figura principal. Uma série de carteiras individuais, com sutras devotados a Kuan Yin para

¹⁵ A seita Ch'an foi criada na China pelo monge Bodhidarma, sendo conhecida no Japão como Zen.

serem entoados pelos fiéis em chinês, mas com tradução em português e uma série de apoios acolhoados para as pernas, para que eles possam se ajoelhar, em momentos específicos da cerimônia, faziam parte do mobiliário da sala ritual.

O caderno explicava que o ritual que seria desenvolvido fora instituído por um patriarca da seita budista Tiantai, datando de cerca de 1.100 D.C. O ritual, na prática, consistiu basicamente na recitação de sutras devotados a Kuan Yin, pelos monges, em idioma chinês, acompanhados de percussão, que se tornam uma espécie de cântico, por vezes acompanhados pelos fiéis e reverências corporais ao bodhisattva, muitas delas com os participantes ajoelhados. Harvey coloca a razão do cântico para a fé budista:

Em todas as escolas budistas, o cântico (recitação formal de textos religiosos) é muito comum como veículo de devoção ou de outros atos cerimoniais. Sua utilização deriva do budismo primitivo, quando a sociedade indiana usava pouco a escrita e a pessoa culta era quem tinha “ouvido muito” e não “lido muito”. O cântico colabora com a memorização precisa dos ensinamentos de Buda, pois seu ritmo incentiva o fluir de palavra em palavra; em geral não tem melodia, pois esta poderia exigir que a métrica de algumas palavras fosse distorcida. O cântico também é um veículo público, de modo que os erros de memorização possam ser conhecidos e corrigidos. Depois que os ensinamentos foram escritos, ainda era considerado melhor que fossem memorizados e o cântico se tornara também parte da vida devocional. (HARVEY, 2009, p. 268).

No caso da cerimônia que presenciei, o cântico claramente ganhou uma leve melodia, marcada claramente pelo bater de um tambor e outros instrumentos de percussão. Acredito que o idioma chinês, por ser monossilábico, favorece com que as palavras do sutra não fiquem distorcidas pela métrica, e o ritual todo foi esteticamente belo. Harvey coloca:

O cântico budista não é nem um canto nem uma endecha monótona. Embora seja entoado em tons graves e um tanto solene, ele prende o interesse com suas pequenas variações de tom e ritmo. A entoação feita por um grupo de monges e/ou monjas é particularmente bela, pois eles podem usar diferentes escalas que se combinam em um tom harmonioso. Os cânticos costumam ser entoados em idiomas antigos, como o páli ou o tibetano antigo, o que lhes confere um ar adicional de santidade. Esse fato, aliado à qualidade de seus sons e pensamentos concomitantes, gera uma espécie de alegria meditativa, não raro sentida como uma radiância de calor no peito, além de calma contemplativa. Esses estados tendem a surgir mesmo naqueles que ouvem o cântico, se o escutarem com a mente relaxada. O cântico talvez constitua o tipo de meditação mais praticado no budismo. Ele se torna uma espécie de meditação quando monges e monjas transmitem um pouco de tranquilidade do seu modo de vida ao entoar o cântico aos leigos. [...] (HARVEY, 2009, p. 268).

O ritual que foi conduzido por um grupo em que predominavam as monjas, que se utilizou, em alguns momentos, de várias escalas musicais, o que resultou num cântico solene, mas ao mesmo tempo alegre e belo. As monjas também conseguiram, a meu ver, criar um estado meditativo em mim e nos fiéis que acompanharam o ritual. Ao final, a monja que presidiu a cerimônia fez uma rápida palestra, na qual contou uma pequena estória para falar da impropriedade do apego, dentro da tradição Ch'an, famosa por utilizar estórias como forma de induzir a iluminação. Sobre o sutra, que louvava as virtudes de Kuan Yin, um trecho acabou por nos chamar a atenção, no qual diz que Kuan Yin, como *bodhisattva*, misericordiosamente fez o voto de salvar todos os seres viventes antes de adentrar o Nirvana, expressando o tema da compaixão.

Por último visitamos o amplo terreno do templo, o qual inclui um jardim em estilo oriental, e duas estátuas de Kuan Yin dentro da tradição iconográfica do *bhodisattva* com uma mão segurando um pequeno jarro e na outra um ramo de salgueiro, representando a aspersão das doces gotas do *dharma* para os seres humanos.

Os outros três locais de culto visitados foram todos os que seguem a orientação religiosa de Mokiti Okada, de tendência ecumênica. Okada (1882-1955) iniciou sua carreira como sacerdote xintoísta da seita Oomoto¹⁶, entre 1928-1934. Em 1935, fundou sua própria religião, enxertando elementos budistas ao ritual xintoísta, a qual deu o nome de Dai Nippon Kannon Kai¹⁷. Em 1950, ele dissolveu a igreja anterior e instituiu a Sekai Meshiya Kyo¹⁸, na qual aproximou as duas tradições religiosas anteriores ao cristianismo. Alguns de seus discípulos criaram ramos independentes da Igreja fundada por ele. Okada, em sua doutrina religiosa, considera o bodhisattva como emanção do Deus Supremo, presente desde a fundação do Budismo (Fundação Mokiti Okada, 1982).

Fomos a um culto da sede da filial brasileira da Sekai Kyusseï Kyo¹⁹, denominada Toohoo no Hikari²⁰, sucessora da Sekai Meshiya Kyo, localizada no

¹⁶ Religião Oomoto, "A grande origem", foi fundada por Nao Deguti em 1892, em Ayabe, Japão. Segundo a doutrina da Oomoto, o deus xintoísta Ushitora, emanção do Deus Supremo, possuiu Nao Deguti, uma camponesa analfabeta para escrever ensinamentos, tomando-lhe a mão, que foram reunidos na coletânea de textos religiosos Fudessaki. Posteriormente, estes ensinamentos foram sistematizados por seu genro Onissaburo Deguti, considerado o cofundador da religião. A Oomoto, em sua doutrina de característica ecumênica, considera que todos os grandes religiosos, como Cristo, Buda Sakyamuni, Confúcio e Maomé foram instrutores divinos do Deus Único, que recebe vários nomes, como Jeová, Senhor, Alá. A religião também reconhece Mokiti Okada como um dos que seguiram sua doutrina, e que fundou o que eles consideram como outra religião xintoísta, assim como Masaharu Taniguchi, fundador da Seicho-no-Iê. Uma das atividades da Oomoto é a promoção de vários encontros internacionais com líderes religiosos de várias tendências, procurando estabelecer o diálogo inter-religioso (Fujimoto, 2014).

¹⁷ Em tradução livre, Grande Igreja Japonesa de Kannon.

¹⁸ Em tradução livre, Igreja Mundial do Messias.

¹⁹ Em tradução livre, Igreja da Salvação Mundial.

Município de Mairinque - SP. Constatamos que em seu culto, é entoado a oração Zenguen Sandji²¹, a qual o próprio Mokiti Okada se refere como a apresentação do Sutra Kannon – Sutra Avalotikeshvara - em estilo xintoísta:

Captando o significado espiritual do sutra “Kannon”, o Fundador elaborou a “Zenguen Sandji” em forma de oração xintoísta. Ele nos explicou seu objetivo: “*Os ofícios religiosos do Japão, nos tempos antigos, seguiam aquele estilo. O budismo foi introduzido no país há mil e trezentos anos, mas até então tudo seguia um estilo xintoísta. A “Zenguen-Sandji” constitui o ponto positivo do budismo adaptado ao estilo xintoísta.*” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1982, p. 372).

Mokiti Okada considera o sutra Kannon como a expressão máxima do ensinamento de Sakyamuni, e diz que Kannon, de certa forma, expressa um aspecto da divindade criadora²², no seu aspecto compassivo de salvação de todos os seres.

Dentro do ritual em que participamos, um culto de gratidão mensal²³, a oração Zenguen Sandji é realizada como forma de agradecimento a Deus, na qual em sua parte inicial cita-se que o respeitado *bodhisattva* Kannon desceu do céu para a terra, com o intuito de salvar os seres vivos, sendo esta a única citação ao *bodhisattva* durante a cerimônia. O ritual religioso dura cerca de meia hora, sendo desenvolvido de forma tranquila, favorecendo a possibilidade de reflexão da proteção recebida durante o mês pelo *bodhisattva*, seguido por um sermão do sacerdote responsável pelo culto, que gira em torno da doutrina religiosa de Mokiti Okada, com duração aproximada de uma hora e meia.

Outro lugar de culto, relacionado à instituição religiosa liderada por discípulos de Mokiti Okada, que não estão vinculados institucionalmente à *Sekai Kyusseï Kyo*, no caso o Templo Luz do Oriente, constitui-se numa unidade religiosa situada em uma casa na cidade de São Paulo. Neste local, está entronizada uma reprodução de uma pintura de Hinode Kannon, outra manifestação iconográfica do *bodhisattva*, pintada pelo próprio Mokiti Okada. O sacerdote que nos recebeu perguntou a mim, se poderia fazer uma oração ao *bodhisattva*, junto conosco, tendo nossa resposta sido positiva. Então, diante da imagem de Kannon, ele entoou a oração xintoísta Amatsu Norito²⁴, voltada aos

²⁰ Em tradução livre, Luz do Oriente. A outra filial da *Sekai Kyusseï Kyo* é o ramo Izunomê, conhecido no Brasil como Igreja Messiânica Mundial.

²¹ Em tradução livre, Prece de Amor e Louvor.

²² Os xintoístas acreditam em deuses – *kami* – inclusive em um deus criador do mundo, Izanagui no Mikoto. Mokiti Okada considera o *bodhisattva* Kannon como uma emanção da divindade criadora.

²³ O sentimento de gratidão ou sentimento de contentamento para o que temos e vivemos é considerado, tanto no Budismo (Yün, 2003), como em seitas xintoístas como a Oomoto (Fujimoto, 2014), uma virtude importante do fiel, que leva à felicidade.

²⁴ A oração Amatsu Norito é uma oração xintoísta muito antiga, tendo sido “preservada como documento histórico a partir do início da Era Heian (794-1192)” (Fundação Mokiti Okada, 1986). É voltada para o

deuses da purificação, sendo que no final da prece, realizou uma prédica ao *bodhisattva* Kannon, pedindo sua proteção e benção, também em clima tranquilo e contemplativo, durando cerca de cinco minutos o ritual.

O último lugar visitado foi a Torre de Miroku, também de propriedade do Templo Luz do Oriente, localizado no município de Ribeirão Pires. Trata-se de uma extensão razoável de terreno, com jardim oriental, no qual há uma grande construção, um pagode no estilo oriental de cinco andares no qual em seu interior, está uma gigantesca estátua do bodhisattva, de vários metros de altura. O local é aberto à visitação de grupos de turistas, os quais são convidados à participação de um rápido culto, onde também é entoada a oração *Amatsu Norito* e, ao final dela, uma prédica é proferida ao *bodhisattva*. Todo o ritual não toma mais que dez minutos.

No amplo terreno do jardim, há uma praça que tem o nome de “Praça Ecumênica” em que há estátuas de Kannon, Nossa Senhora e São João Batista, todos considerados seres religiosos que expressaram a virtude da compaixão, segundo o guia da excursão turística que nos serviu de cicerone.

A excursão a este local, que é rápida, cerca de uma hora, favorece também o estado contemplativo, dada a beleza das construções, das estátuas e dos jardins.

5 ENTREVISTAS COM ESTRANGEIROS E BRASILEIROS QUE POSSUEM DEVOÇÃO AO BODHISATTVA

5.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Foram realizadas cinco entrevistas semi-estruturadas presenciais ou on-line com brasileiros ou estrangeiros que têm devoção ao bodhisattva, todos na faixa etária dos 40 de idade. Uma das entrevistadas é da comunidade chinesa da Malásia, tendo o chinês como idioma materno, sendo os outros um japonês e outro brasileiro. A primeira entrevistada das é abadessa de um templo do budismo Ch’na, os outros são um professor de filosofia e artes, fiel e funcionário da Sekai Kyusse Kyo e um sacerdote religioso do Templo Luz do Oriente, seguidores de Mokiti Okada. Em relação aos dois últimos entrevistados, ambos têm grande conhecimento da doutrina religiosa de Mokiti Okada, que escreveu vários textos, nos quais cita o bodhisattva Kannon, que é também objeto de culto dentro do ritual religioso das duas instituições. Entre os estrangeiros,

que os japoneses chamam de Deus-Pai e Deus-Mãe, criadores do povo japonês – Kamurogui e Kamuromi – assim como para 4 deuses xintoísta da purificação. Cabe-nos ressaltar que, dentro da tradição religiosa japonesa, a purificação espiritual do fiel – *harai* – possui uma importância muito grande.

todos estão radicados no Brasil há mais de quinze anos, dominando bem o português, sendo entrevistados em nosso idioma. As entrevistas geraram em torno da devoção ao bodhisattva Kuan Yin, subdivididos em 5 subtemas principais, descritos a seguir.

5.2 A FÉ DOS ENTREVISTADOS EM KUAN YIN COMO BODHISATTVA QUE REPRESENTA A MISERICÓRDIA

A abadessa respondeu que, para ela, Kuan Yin representa a misericórdia, possuindo mil olhos e mil braços para salvar as pessoas – uma das suas manifestações iconográficas tradicionais. Ela colocou que tem Kuan Yin como modelo, que gostaria de ser como a *bodhisattva*, mas que sabe que está bem aquém. Manifestou o desejo de fazer pelo menos uma parte deste trabalho misericordioso, que estimula sua comunidade religiosa a agir neste sentido, que juntos, poderão ser estes mil braços e mil olhos, ajudando a sociedade a ser melhor. Ela disse que é mais importante fazer o trabalho de Kuan Yin, ser Kuan Yin em casa, entre amigos, na sociedade, para o país e para o mundo, ser compassivo para as pessoas, do que ficar pedindo compaixão a ela. Porém, ela disse que passou por circunstâncias de perigo ou dificuldade em que pediu auxílio ao *bodhisattva* e foi atendida, assim como também sabe de pessoas que tiveram a mesma experiência.

O professor de filosofia e artes colocou que possui muito sentimento de gratidão a Kuan Yin, que sente ele como Deus, algo como uma figura paterna ou materna, que o ajuda a seguir o caminho correto, como seu salvador.

O religioso brasileiro referiu-se à Kuan Yin como uma divindade intermediadora, que o ajuda e às outras pessoas, dotados ainda de um nível inferior de desenvolvimento humano e espiritual, a ligar-se com a divindade de mais alto nível. Ele argumentou dizendo que o *bodhisattva* renunciou à sua elevação espiritual, para fazer a intermediação com os seres humanos, relacionando a função de intermediação entre homem e o divino do bodhisattva como semelhante à de Maria, dentro do catolicismo. Ele apontou para a misericórdia de Kuan Yin, referindo que ela não faz distinção de raça, cor, classe social, que ela está disponível para ajudar as pessoas de todos os países, culturas e religiões. Ele disse considerar que a *bodhisattva* é uma subdivisão do Deus criador e que é importante que as pessoas busquem entender isso.

5.3 SOBRE A FÉ DOS ORIENTAIS E BRASILEIROS EM RELAÇÃO À KUAN YIN

A abadessa colocou que os chineses, de maneira geral, possuem forte fé em Kuan Yin, sejam eles budistas, taoístas ou confucionistas e que todos, menos os cristãos possuem estátuas ou imagens de Kuan Yin em suas casas e as veneram, ou possuem pingentes e pulseiras da *Bodhisattva*. Ela colocou que Kuan Yin é mais popular na China do que o próprio Buda e que muitos consideram-na como *bodhisattva*, outros como santa, e muitos a chamam de Mãe Kuan Yin. A abadessa referiu que a devoção ao *bodhisattva* se tornou um traço da cultura chinesa e que seria muito negativa se esta se perdesse, pois isso nunca aconteceu, apesar de haver quatro momentos históricos, que ela chama de “desastres do *dharma*” (sic), em que o budismo foi fortemente reprimido na China. Sobre a fé atual dos chineses em Kuan Yin, ela colocou que atualmente, com uma certa liberalização do regime comunista, ela retornou fortemente, mas que nunca se perdeu de verdade, pois era a fé das avós, então ela era cultuada domesticamente mesmo quando a repressão política era muito forte. Ela colocou também que os chineses, quando imigram para outros países, levam estatuetas do *bodhisattva* na mala, cultuando-a nos países para os quais se radicam.

O professor de filosofia e artes observou que todos os japoneses conhecem Kuan Yin, e que há a predominância de budistas em relação à sua fé, mas que além destes, é comum xintoístas, cristãos e até agnósticos visitem os templos que veneram o *bodhisattva*, o que mostra sua influência sobre os participantes de outros credos. Ele colocou que, após a segunda guerra mundial, o japonês, de certa forma, se distanciou da fé, mas que mesmo assim a fé em Kuan Yin é muito forte, e que os japoneses costumam pedir ajuda à *bodhisattva*, quando passam por sofrimentos de saúde, econômicos ou de diferentes causas. Ele afirmou que os japoneses têm a convicção de que *bodhisattva*, Kuan Yin salva a todos, sem distinção da pessoa ser boa ou má.

O religioso brasileiro colocou que dirige um templo religioso em que segue Kuan Yin, verificando que entre os seus frequentadores há mais brasileiros do que orientais e seus descendentes. Por essa razão considera que a fé na *bodhisattva* está se espalhando entre pessoas originárias de outras religiões, havendo mais interesse nela agora do que há 20 anos. Ele constatou que as pessoas chegam a seu templo com dificuldades materiais, geralmente colocando a preocupação material na frente de uma atitude espiritual, mas ali aprendem a fazer o contrário, a praticar ações de devoção a Kuan Yin, servindo outras pessoas, o que ajuda muito na solução de seus problemas,

pois considera que a *bodhisattva* é muito poderosa. Pontua ainda que as pessoas desenvolvem com facilidade uma ligação com a *bodhisattva*, sentindo que ela traz alento, esperança. Para ele, apesar do culto à Kuan Yin ter sido originariamente budista, o *bodhisattva* tem ligação com o Deus Criador, e está acima da divisão das religiões, que são diferentes apenas porque os povos são diferentes, acrescentando como exemplo os fieis do seu Templo, pois este não é budista e é frequentado por pessoas não budistas. O religioso disse perceber que há pessoas que consideram a *bodhisattva* como uma energia universal não necessariamente budista.

5.4 SOBRE OS LOCAIS DE CULTO PARA O BHODISATTVA

A abadessa informou que há muitos templos dedicados ao *bhodisattva* no Oriente, notadamente em Taiwan. Em relação à China continental, ela colocou que os templos, de maneira geral, estão sendo reabertos, e que há um local na China que se chama Monte Putuo, que é uma representação do monte hindu Potalaka, onde Kuan Yin teria residido. Nesse local há mais de mil templos dedicados a ela. A abadessa disse ainda que se emociona ao visitar os templos dedicados ao *bodhisattva*. Ela intenciona visitar o Monte Pu-tu-o, pois sabe que se emocionará muito ao ir lá. Segundo informa, no Brasil, há alguns anos, o monge superior de seu templo inaugurou um templo independente dedicado à Kannon na cidade de São Paulo. O templo era mantido por leigos, então, pela tradição, é necessário convidar um monge budista para inaugurá-lo, e o mestre do seu templo foi então convidado.

Já professor de filosofia disse que existem muitos templos dedicados à Kuan Yin em várias localidades do Japão, especialmente em Tóquio. Ele mesmo visitou dois, um localizado no Monte Nokogiri, e outro em Quioto, onde há mil estátuas da *bodhisattva*. constatando que sentiu esses locais como sendo muito tranquilos, impregnados de história e elevados espiritualmente, pois ali existe uma paz propícia ao encontro de Deus.

O religioso brasileiro disse ter visitado dois templos budistas que cultuam Kuan Yin, um no município de Cotia, outro na cidade de São Paulo, e teve notícia de um existente no estado do Espírito Santo, o qual ele não visitou. Mas no que se refere aos templos de sua religião, contou que há mais oito que cultuam a *bodhisattva*, tendo visitado todos, sentindo-se sempre conectado à grande força e amor de Kuan Yin e de Deus.

5.5 SOBRE O GÊNERO DA BODHISATTVA

A abadessa colocou que como a *bodhisattva* é versátil, manifestando-se tanto como mulher quanto como homem, ela se apresenta das duas formas. Ela apontou para o fato da *bodhisattva* ser representada na China como masculino até a dinastia Tang, passou a ser considerada feminina dali em diante, o que fez a vez ser aproximada à figura maternal, sendo objeto de culto principalmente pelas mulheres, que viram nela uma possibilidade de expressão de sua fé. Ela afirmou ainda que no budismo, no taoísmo e no confucionismo a grande maioria das entidades cultuadas são do sexo masculino, então, quando houve a representação de Kuan Yin como feminina, as mulheres, em peso, começaram a tê-la como objeto de sua devoção. Isso se deve ao fato de que na China as mulheres historicamente eram muito oprimidas, ficando apenas dentro de casa, não lhes sendo permitido nem frequentar lugares de culto religioso, Kuan Yin então se transformou em uma deusa mãe à qual todas as chinesas podiam rezar em casa. Com essa mudança de padrão, as mulheres chinesas se sentiam aliviadas, pois havia uma santa que lhe entenderia de forma melhor, afirmou.

O professor observou que não sabe definir o gênero de Kuan Yin, dizendo que ele(a) é ao mesmo tempo homem e mulher, e que salva pessoas dos dois gêneros, não fazendo distinção entre eles.

Já o religioso brasileiro disse considerar que, em termos de gênero, a *bodhisattva*, por estar num nível mais elevado de divindade, supera a divisão feminino/masculino, uma vez que está mais perto da essência espiritual pura para a salvação da humanidade.

5.6 SOBRE A RELAÇÃO DA FIGURA DO BODHISATTVA COM NOSSA SENHORA

A abadessa observou que na China, nos séculos XVI e XVII, houve chineses que aproximaram consideram Maria como emanação de Kuan Yin ou que Kuan Yin era Maria do budismo, num sincretismo religioso. Colocou que seu próprio Templo, por ocasião da comemoração dos 300 anos de Nossa Senhora Aparecida, manteve, durante 3 meses, uma estátua dela no lugar da estátua de Kuan Yin que existe lá. Ela também disse que sua instituição religiosa mantém uma maternidade no Paraguai, e que em sua entrada, há uma estátua de Maria com o menino Jesus à direita e outra de Kuan Yin segurando um bebê à esquerda. Em dado momento falou sobre um episódio, ocorrido com ela no Rio de Janeiro, mais especificamente num elevador, folheando uma revista de seu templo, com foto de Kannon. Um senhor afrodescendente entrou no elevador e

olhando a fotografia a perguntou o que era aquilo, ao que ela respondeu que era a Nossa Senhora budista. Ele sorriu e pareceu satisfeito com a resposta.

O professor destacou que não tinha conhecimento da aproximação entre as figuras de Maria e Kuan Yin.

Por sua parte, o religioso brasileiro afirmou que na introdução do cristianismo no Japão, alguns religiosos japoneses consideraram Maria muito semelhante à Kannon, então a chamava de Maria Kannon, e que a primeira estatueta historicamente conhecida desta divindade sincrética, era a de Kannon segurando um terço. Ele reconheceu que o cristianismo foi muito perseguido pelos samurais. O religioso ressaltou que, em sua visão, há grandes similaridades entre as duas imagens, inclusive o achado, por pescadores, de estátuas de Nossa Senhora no rio Paraíba, no Brasil, e de Kuan Yin no Rio Sumida, no Japão²⁵. Ele também relatou que seu mestre, o fundador de seu Templo, colecionou uma antiga estatueta japonesa de pedra representando Maria Kannon, que comporá o acervo de um museu que sua denominação religiosa construirá.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a evolução histórica do mito do bodhisattva Kuan Yin, levou-o a se tornar o principal entre eles, tendo uma importância tão grande quanto a dos dois Thatagathas, Sakyamuni e Amithaba, pois ele acabou por satisfazer grandes necessidades sociais dos países onde sua fé se difundiu, como a necessidade de uma bodhisattva que pode se apresentar tanto como feminina como masculina.

Percebemos que ele encarna a principal virtude do budismo Mahayana, ou seja, a compaixão, e que isso foi crucial para sua grande popularidade, o que foi reconhecido também por todos os entrevistados e no rito Ch'an de que participamos. Houve, durante o percurso histórico do bodhisattva, uma mudança de sua identidade, inicialmente de um bodhisattva masculino, para um bodhisattva feminino, principalmente em suas manifestações chinesas, mas que são aceitas por japoneses e brasileiros, de acordo com que verificamos em nossas entrevistas, o que facilitou a aceitação de sua figura, principalmente entre as mulheres chinesas, como apontou a abadessa. Também podemos dizer, pelos depoimentos dos três entrevistados, que o culto de Kuan Yin

²⁵ Assim como a figura de Nossa Senhora Aparecida, encontrada no Rio Paraíba por pescadores, tendo a comunidade da cidade de Aparecida do Norte construído uma igreja para ela, atualmente sendo o santuário sede da Igreja Católica no Brasil, a estátua de Kannon do Templo Senso-ji de Tóquio foi pescada por dois irmãos em 628 D.C. O templo Senso-Ji foi construído em 645 D. C. para que Kannon, através da estátua, fosse cultuado, sendo um dos principais templos que reverencia a *bodhisattva*, dentro do Japão (Japan-guide.com, s.d.)

ultrapassa as fronteiras do budismo, alcançando taoístas, xintoístas, ecumênicos, cristãos e até agnósticos. Verificamos que no Oriente, há vários lugares de culto a Kuan Yin, e que no Brasil, há uma dezena de templos devotados ao bodhisattva.

Quanto a questão da aproximação entre a figura de Kannon com Nossa Senhora, vemos que historicamente isto aconteceu, havendo representações iconográficas aproximando as duas entidades espirituais. Atualmente, constatamos que esta aproximação destas duas figuras religiosas continua, a partir de qualidades comuns como a misericórdia, a intermediação com a divindade e a maternidade. Nesse sentido, verificamos, que a relação de orientais na contemporaneidade, e também de alguns brasileiros com o bodhisattva é bastante intensa, talvez pelos mesmos motivos que levam a aproximá-la da figura de Maria. Trata-se de uma figura religiosa que tem compaixão por todos os que sofrem e faz a intermediação entre o homem e o divino.

REFERÊNCIAS

- BARRIO, A. E. Lévi-Strauss: o último dos modernos e o primeiro dos pós-modernos. *In*: _____. **Inovação cultural, patrimônio e educação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- BARRIO, A. E. **Manual de antropologia cultural**. Recife: Massangana, 2005.
- BLOFELD, J. **Bodhisattva of compassion: the mystical tradition of Kuan Yin**. Boulder: Shambhala, 2009.
- CAMARGO, M. U. C. **O sutra da flor de lótus da lei maravilhosa**. São Paulo: Editorama, 2009.
- CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus: volume2: mitologia oriental**. São Paulo: Palas Athena, 1994.
- DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. *In*: CARDOSO, R. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- FUJIMOTO, P. T. (ed.). **Coletânea Oomoto**. Jandira: Associação Religiosa Oomoto do Brasil, 2014.
- FUNDAÇÃO MOKITI OKADA. **Luz do oriente: volume 1**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1982.
- FUNDAÇÃO MOKITI OKADA. **Primeiras noções da oração Amatsu Norito**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1986.
- JAPAN-GUIDE.COM. Sensoji temple. *In* **Japan-guide.com**. Japão, s. d. Disponível em <<https://www.japan-guide.com/e/e3001.html>>. Acesso em 15 mar. 2022.

HARVEY, P. **A tradição do budismo**: história, filosofia, literatura, ensinamentos e prática. São Paulo: Cultrix, 2019.

REIS-HABITO, M. Maria-Kannon: Mary, Mother of God, in Buddhist Guise. **Marian Studies**, Dayton, vol. 47, art. 8, 1-17, 1996. Disponível em: https://ecommons.udayton.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1469&context=marian_studies . Acesso em: 23 de nov. 2021.

RIES, J. **Mito e rito**: as constantes do sagrado. Petrópolis: Vozes, 2020.

SIMÕES JR., J. G. **O pensamento vivo de Buda**. São Paulo: Martim Claret, 1985.

SMITH, H.; NOVAK, P. **Budismo**: uma introdução concisa. São Paulo: Cultrix, 2004.

USARSKI, F. **O budismo e as outras**: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

YÜ, C. **Kuan Yin**: the mystical transformation of Avalotikesvara. Nova Iorque: Columbia University Press. 2001.

YÜN, H. **A essência do budismo**. Cotia: Templo Zu Lai, 2019.

YUN, H. **Budismo puro e simples**: comentário sobre o sutra das oito percepções dos grandes seres. Cotia: Templo Zu Lai, 2003.

(Recebido em abril de 2022; aceito em junho de 2022)